

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CECILIA LAURENTINO DOS SANTOS

**O BRINCAR E A AFETIVIDADE NAS AULAS:
POR QUÊ? PARA QUE?**

Campinas
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CECILIA LAURENTINO DOS SANTOS

**O BRINCAR E A AFETIVIDADE NAS AULAS:
POR QUÊ? PARA QUE?**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia-
Programa Especial de Formação de Professores em
Exercício nos Municípios da Região Metropolitana
de Campinas, da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, como um dos
pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em
Pedagogia.

Campinas
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Santos, Cecília Laurentino dos.
Sa59b O brincar e a afetividade nas aulas: Por quê? Para que?: memorial
de formação / Cecília Laurentino dos Santos. -- Campinas, SP :[s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-234-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a Jeová Deus por ter retirado do caminho todo obstáculo para que eu concluísse este curso.

Ao meu marido que me apoiou em todos os momentos cuidando da casa e dos meus filhos.

Aos meus filhos pela compreensão nos momentos em que estive ausente por estar envolvida com a faculdade.

A minha amiga Cirene por ter me incentivado durante todo o curso e por ter sido tão prestativa comigo e com a minha família.

As minhas colegas de grupo Fátima, Edleusa, Cecília soares, Suzana e Márcia, por me ensinarem a valorizar o trabalho coletivo.

A UNICAMP, aos coordenadores e assistentes pedagógicos por terem me dado oportunidades de me tornar um pedagoga.

A todos, o meu abraço carinhoso e meu reconhecimento.

“Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem em tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos”.
(Clarice Lispector)

Sumario

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 07 |
| 1- CAMINHOS POR ONDE ANDEI | 08 |
| 1.1 – Infância: o inicio da caminhada..... | 08 |
| 1.2- Trilhando caminhos na escolha da profissão | 10 |
| 1.3 - Magistério: o caminho de um sonho | 12 |
| 1.4- Faculdade: um sonho realizado..... | 14 |
| 2- A CAMINHO DA FORMAÇÃO..... | 15 |
| 2.1- Contribuições do PROESF na minha formação pedagógica | 15 |
| 2.2- Conhecendo o Brincar..... | 16 |
| 2.3- Avaliação: como avaliar?..... | 17 |
| 2.4 - Trilhando caminhos para uma docência melhor..... | 20 |
| 3- AFETIVIDADE E O BRINCAR | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 28 |

APRESENTAÇÃO

“Um presente que, por fazer parte de uma história, poderia ter sido outro. Poderá ser outro, dependendo de quem faz a história. Para que essa história possa ser diferente é que olhamos para a história que já foi”.

Miguel Arroyo

As palavras a serem percorridas nas linhas deste memorial enfocam a história da minha vida, desde o período de aluna primária até os dias de hoje como mediadora de conhecimentos.

Além do mais, focalizo a minha experiência no PROESF incorporando ao texto minhas conquistas e desafios durante a minha formação pedagógica. Todavia, utilizarei alguns autores que tratam das temáticas escolhidas por mim e que também me fortaleceram academicamente com suas obras.

Transpondo para os eixos escolhidos-Brincar - Afetividade, citarei alguns momentos da minha história, estabelecendo relações entre as experiências pessoais e profissionais. Fazendo uma reflexão em torno da minha vida, relatando quanto é importante a afetividade no âmbito social principalmente no espaço escolar, pois esta pode mudar qualquer história e trajetória. Entretanto, os alunos de hoje se receberem além dos conteúdos escolares, amor, carinho e afeto serão grandes personagens na história do Brasil futuramente.

1- CAMINHOS POR ONDE ANDEI

1.2– Infância: o início da caminhada.

Relembro com muita ternura a infância simples que tive na cidadezinha de Santana do Ipanema localizada no estado de Alagoas, onde cresci e convivi com meus pais e mais quatro irmãos. Recordo que meus pais não eram tão rígidos e exigentes, assim tínhamos liberdade por estarmos situados em um sítio que não oferecia muitos perigos naquela época.

Lembro-me que subíamos em árvores, brincávamos de casinha, além disso, minhas bonecas eram todas de pano, pois mamãe as comprava na feira livre que acontecia sempre aos sábados.

Algumas vezes à noite, íamos para a casa dos nossos tios num sítio próximo ao nosso e lá é que fazíamos a festa. Enquanto os adultos conversavam inventávamos um monte de brincadeiras e era muito divertido. Segundo Wajskop (2005), a brincadeira é uma atividade dominante da infância e é a forma pela qual a criança começa a aprender.

Certamente, naquela época eu não tinha nenhuma noção da importância do espaço e das brincadeiras, mas me sentia feliz. Quando completei sete anos fui para o Grupo Escolar Ormindó Barros e lá estudei até a quarta série. Lembro-me que tínhamos uma cartilha que se chamava ABC; e através desta apreendíamos todas as letras do alfabeto e logo em seguida passávamos para as lições com as famílias silábicas; aí tudo era na base da “decoreba”.

Hoje como educadora consigo compreender as idéias de Emilia Ferreiro (1992 e 1999) do diz que as cartilhas são atividades mecanicistas de treinos e memorização, por isso muitos profissionais da educação ignoram e desconsideram que alfabetização depende de fatores sociais, culturais, psicolinguísticos e políticos.

Voltando para a minha infância, me lembro da imensa vontade que eu tinha de aprender a ler e escrever. Quando não estava na escola contemplava as gravuras dos livros e assim imaginava o dia em que eu aprendera ler de “verdade”.

Comecei a enfrentar muitas dificuldades no começo da minha alfabetização; não tinha facilidade em decorar as lições e só era permitido passar para a lição seguinte

quando prestasse conta da lição determinada pela professora naquele momento Como uma criança tímida e lenta, tinha medo de me aproximar da professora, pois percebia que a mesma não tinha paciência com os alunos que apresentavam níveis de dificuldade maior.

Corroborando com a minha trajetória apontada acima Freire (1996), diz que um simples gesto do professor pode ser muito importante na vida dos alunos e muitas vezes um olhar docente de admiração, um balançar de cabeça demonstrando algo positivo podem ter grandes significados na aprendizagem dos alunos.

Lembro-me bem da segunda série, pois me marcou de maneira negativa. Em certa altura do ano, a dona Maria de Lurdes que era então a professora que eu admirava tanto resolveu dividir a nossa turma em três fileiras: na primeira colocou os alunos que ela classificou como bons; na segunda fileira ficaram os alunos que eram regulares, e, na terceira os considerados insuficientes. Então, à medida que determinado aluno fosse melhorando sua aprendizagem, era passado para a fileira dos alunos regulares e assim por diante. E eu, como levei também as minhas dificuldades para a segunda série, fiquei exatamente na turminha dos alunos “insuficientes”.

Aquela atitude da professora parecia que estava acabando comigo. Comecei a ficar muito envergonhada. A partir daquele dia comecei a interiorizar que era realmente incapaz de aprender. Não tinha vontade mais de ir para a escola, pois tinha que enfrentar a zombaria dos coleguinhas mais “adiantados”, que era assim que a professora os chamava.

Diante dessas reflexões algo me chama muita atenção dentro da educação: a afetividade que deve acontecer entre o professor e seus alunos, independente destes serem julgados como bons regulares e insuficientes.

Desta forma neste memorial abordarei sobre a questão da afetividade nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula pelos professores. Estarei recordando um pouco de minha história e compartilhando da minha experiência com os meus leitores sobre esse aspecto no processo ensino- aprendizagem. Assim, podemos encontrar respostas para as seguintes interrogações: É possível ter um bom relacionamento em sala de aula sem afeto?

1.2- Trilhando caminhos na escolha da profissão

Ao concluir o ensino fundamental surgiram várias dúvidas: Qual curso escolher? Que carreira seguir? Em meio a tantas dúvidas e questionamentos só havia duas soluções, ou melhor, duas opções fazer o magistério ou cursar científico¹.

Mediante as opções, escolhi o magistério pela sua significância em minha vida e pelo vínculo educacional, pois sempre me identifiquei com a arte de ensinar e também por ter tido grandes representações docentes ao longo de minha caminhada como aluna.

Assim, decidi pelo magistério e estava determinada a ser uma profissional diferente, todavia, o meu maior desejo era marcar cada aluno com minha didática e com o meu afeto.

Na verdade queria ser uma professora apaixonada. Nas palavras de Perisse (2004):

Ensinar é a apaixonante. Quando experimentam essa perigosa paixão, professoras e professores apaixonados passam a acordar cedo e dormir tarde, movidos pela idéia fixa de que podem mover o mundo. Apaixonados esquecem a hora do almoço e do jantar: estão mais preocupados em combater as múltiplas fomes que, de múltiplas formas, debilitam as inteligências. (2004, p.17).

Além disso, o afeto é o elemento essencial das minhas aulas, transponho a afetividade em cada conteúdo que eu aplico aos meus alunos.

Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo. (PINO – mimeo – *apud* LEITE e TASSONI, 2002, p. 116).

Relembro que algumas colegas da escola se queixavam dos seus professores, pois muitos estavam presentes fisicamente, mas faltava sensibilidade em suas condutas docentes.

Tinha muita admiração pelos meus docentes, mas confesso que muitas vezes suas atitudes me impressionavam e hoje elas estão fixadas em minha memória. Algumas vezes meus professores “forçavam” a minha aprendizagem e suas atitudes

¹ Na década de 70 o ensino médio era chamado de curso científico.

subestimavam a minha capacidade de aprender com isso me sentia incapaz de aprender qualquer conteúdo e seus significados.

Portanto, percebo que naquele período as ausências de afeto imbricavam nas relações professor-aluno e por isso ainda existem marcas desse período.

Sobre isso Paulo Freire explica que:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca." (FREIRE, 1996, p.73)

Diante desse contexto, queria uma profissão em que eu pudesse deixar marcas nas pessoas, marcas inesquecíveis que jamais pudessem sair dos corpos e das mentes. Assim, escolhi o magistério como um labor que é prazeroso e mesmo enfrentando dificuldades com muitas pedras no caminho, essa foi a minha escolha e hoje guardo todas as pedras, pois ainda farei um castelo com elas.

1.3 - Magistério: o caminho de um sonho

Iniciei o magistério em 1976 e no término do curso pude perceber que não estava tão bem preparada para lidar com crianças como eu esperava, pois eram muitas as teorias adquiridas durante o curso e de fato não sabia como aplicá-las no meu dia-a-dia.

O estágio que fiz não me deu bases seguras para o meu desenvolvimento profissional. Lembro-me que nos primeiros meses de estágio eu apenas observava a professora e percebia que ela não criatividade e sensibilidade. Além disso, algumas professoras não aceitavam estagiarias, pois não queriam ser observadas, talvez por receio em verem seus trabalhos expostos em relatórios.

Faltava criatividade nas aulas dessas professoras. Sobre isso Perisse (2004) diz:

O professor-ator, o professor criativo realiza algo muito mais convincente do que a mera mentira: ele vive uma ficção! E a situação fictícia é que o professor sabe tudo. Somente alguém com virtude de sinceridade artística teria condições de interpretar esse papel. E esse papel é fundamental para que o aluno se entusiasme com o conhecimento (2004, p.72)

Lembro-me que em uma das aulas observadas uma aluna da terceira série fez um desenho, toda feliz foi mostrar para a professora o que havia produzido, ao mostrar o desenho à aluna ficou horrorizada, pois o seu desenho não teve importância para a professora que ao invés de olhar e elogiar mandou a garota sentar e ficar quieta.

De fato, ao observar o desprezo da professora com a aluna, comecei a entender o “porque” do desinteresse de muitas crianças em realizar as atividades na sala de aula.

Hoje, percebo que aquela professora estava despreparada, talvez soubesse teoricamente como ensinar uma criança, mas faltava-lhe afeto e carinho. Entretanto, o cotidiano vivenciado por ela deveria implicar no bom relacionamento com seus alunos.

Durante a minha trajetória no magistério, constatei que a prática docente não é tão simples como parece ser, já que grande quantidade de crianças em sala é um dos grandes desafios enfrentados pelos professores. Além do mais, muitos deixam de lado os alunos considerados desinteressados.

Sobre as condutas de professores Leite e Tassoni comentam que:

O que se diz , como se diz, como se faz, em que momento e por que afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeto cada aluno individualmente. (2002, p.125)

Assim, entendo que o papel fundamental do professor, além de transmitir valores e conteúdos, é valorizar as relações entre os indivíduos em sala de aula.

Entendo que dar aulas requer entrar no mundo da criança procurando despertar nela seu interesse em aprender, discernindo o que de fato é interessante e proveitoso para ela, levando em conta a bagagem de conhecimento que ela já tem.

Percebo a necessidade de estabelecer novas estratégias para enfrentar os desafios que vão aparecendo no dia-a-dia. Todavia, é necessário que professores contribuam na formação de alunos ativos e participativos.

Montagu (1988) reflete sobre a importância do toque, do carinho na vida dos seres humanos. Assim, percebo hoje como educadora que no ambiente escolar podemos nos tornar multiplicadores ou castradores da afetividade.

1.4- Faculdade: um sonho realizado

Este sonho estava cada vez mais distante da minha realidade era algo fora das minhas condições, devido ao fato de pertencer a uma família de classe baixa. Assim, ficaria difícil pagar uma faculdade. Tentei duas vezes o vestibular da UNICAMP, mas não consegui ingressar no curso.

Finalmente foi divulgado pela UNICAMP o oferecimento do PROESF e que seria a última turma. Fiquei entusiasmada e decidi tentar mais uma vez. Estudei em casa li vários textos sobre os autores da programação exigida e finalmente no ano 2005 fui aprovada entrando para a última turma do curso.

O que me ajudou bastante e me tranquilizou mais, foram algumas orientações dadas pelo Departamento de Educação de Hortolândia, pois antes de acontecer o vestibular, nós professores da Rede fomos incentivados para fazer o curso.

Lembro de uma colega que havia terminado o curso nos orientando para que ficássemos tranquilas, porque o que teríamos que fazer nesta prova era descrever nossa prática diária. E foi realmente o que me ajudou, procurei ficar tranquila na hora da prova.

Enfim, depois de tantas tentativas conquistei a tão sonhada vaga, vibrei muito, porque viria uma nova etapa na minha vida.

2- A CAMINHO DA FORMAÇÃO

*“Mestre é quem, de repente, aprende.”
(Guimarães Rosa)*

2.1- Contribuições do PROESF na minha formação pedagógica

Antes de ingressar no PROESF eu já ministrava aulas há muitos anos. Devido a essa experiência, acreditava ter total domínio e conhecimento da prática pedagógica.

A iniciar o curso na UNICAMP pude perceber que estava enganada sobre a minha bagagem docente. Assim, tive necessidade de me aperfeiçoar através das aulas ministradas durante o curso.

Relembro que no primeiro semestre me encantei com a disciplina denominada de “multiculturalismo”, ministrada pela professora Marlene Ghiraldelli, que durante o semestre trabalhou conosco dramatizações enfatizadas nas questões do preconceito e diferenças sociais.

Através dessas aulas passei a observar o quanto essas questões permeavam nosso cotidiano. Dessa forma, percebi que temos dificuldades em lidar com essas questões no âmbito escolar. Assim, foi muito importante a disciplina para que pudéssemos refletir sobre o nosso trabalho didático dentro da escola.

Outra disciplina importante foi “Pedagogia de Educação Infantil”, pois nos proporcionou conhecer melhor as características e o desenvolvimento da criança nessa faixa etária.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação cunhou-se a expressão educação infantil para designar todas as instituições de educação para as crianças de 0-6 anos, esse fato denota que a criança pequena passou a ter seu próprio espaço para o exercício da infância. (ABRAMOWICZ, 2004, P.14)

Sendo esta fase da criança de suma importância. De acordo com a LDB nº 9394/96:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social complementando ação da família e da comunidade (BRASIL, ARTIGO 29, 1996, p.13)

Além do mais, é necessário nessa etapa vital cuidar da criança, para que mesma venha se relacionar bem socialmente nas próximas etapas. Sobre isso Sayão afirma:

Cuidar da criança faz parte da necessidade que todas elas têm de ser atendidas em suas singularidades, independentemente de classe social, gênero, etnia ou credo religioso, porque isso se constitui em um elemento cultural esta na base da formação humana. (2003, p.45)

Entretanto, o PROESF me permitiu conhecer o conceito e a importância do brincar, como um instrumento a ser usado no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, ele é essencial na vida das crianças. É brincando que a criança expressa sua criatividade.

2.2- Conhecendo o Brincar

Kishimoto (1997) afirma que através do lúdico a criança explora o mundo e suas possibilidades, e se insere nele, com espontaneidade, desenvolvendo suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas. Assim, vale ressaltar a importância do toque, dos gestos e do afeto, uma vez que eles tornam-se linguagens importantes aliando-se ao processo de aprendizagem.

Todavia, as disciplinas abordadas durante o curso nos possibilitaram observar melhor as crianças durante as atividades e no tempo livre. Com isso reconhecemos que a observação deve ser uma prática constante do profissional da educação. Lembrando que as crianças são capazes de múltiplas relações.

Apesar de lecionar para crianças da 3º série do ensino fundamental, venho utilizando algumas brincadeiras e jogos durante as minhas aulas. Recentemente para trabalhar o raciocínio lógico das crianças ensinei todos a jogarem xadrez.

Além disso, uma vez na semana temos um horário reservado para brincar no pátio com os meus alunos. Nesses dias, vamos ao pátio ou quadra e realizamos jogos cooperativos e coletivos. Tais como: queimada, gincanas, futebol entre outros jogos.

2.3- Avaliação: como avaliar?

Numa das aulas de Pesquisa Educacional lemos um texto de Cecília Warschur,² na qual dizia a importância de registrarmos tudo o que acontece em sala de aula. A autora aponta o registro como uma forma de avaliarmos os alunos, mas também uma auto-avaliação.

Assim, o registro possibilitou o melhor preparo das minhas aulas; de acordo com a necessidade de nossos alunos e a melhor qualidade possível. Também se pode pensar em atividades significativas para eles, discernindo conteúdos e levando em consideração o ritmo e o desempenho de cada um. Antigamente, ao ministrar aulas de história para meus alunos, transmitia os conteúdos que envolviam fatos históricos e datas comemorativas.

A disciplina Teoria Pedagógica e Produção em História me fizeram ver que o ensino histórico não deve relacionar somente ao passado, e sim, partir da própria história e vida dos alunos, fazendo um paralelo com os dias atuais. A partir daí o professor começa da história do aluno em busca de sua própria identidade.

Ao trabalhar a questão e os conceitos de família, pedi para meus alunos pesquisarem em casa seus pais. Pedi para que eles entrevistassem os mesmos para que obtivessem os seguintes dados: Origem dos pais (país, estado, cidade). Caso, os pais vieram de outros estados, pesquisarem os “por quês” dessa mudança. A disciplina descrita acima me possibilitou ensinar história de “verdade” aos meus alunos, além do mais, consegui ligar a história do Brasil com a vida deles, ou seja, trabalhar e sala partindo do conhecimento do aluno.

Na disciplina de Avaliação estudamos algumas questões que me fez refletir bastante sobre esta temática, que muitas vezes é denominada como uma ameaça, punição e rotulação em muitas instituições do país.

A preocupação dos alunos é atingir uma nota para passar de série, sabemos que avaliação está enraizada em modelos tradicionais, de modos classificatórios, eliminatórios, cuja preocupação docente é sem dúvida a quantidade de conteúdos que tendem, ou melhor, que tem que ser abordado durante o ano letivo.

² Texto “a roda e o registro”

Contudo, deixam a desejar na qualidade do ensino, talvez pelas cobranças dos pais, da escola, dos alunos e da comunidade, pois muitos querem ver cadernos cheios de lições, assim isto se torna uma referência positiva para a escola.

Acredito que quando o profissional é comprometido com a aprendizagem de seus alunos e consciente de seu trabalho estará preocupado com o tipo de avaliação que faça o seu aluno crescer, que o faça reconhecer o seu direito à cidadania. O que se vê muito hoje é tomar a avaliação como um ato unicamente de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos. A avaliação para muitos professores é simplesmente cobrar aquilo que o aluno memorizou e usar a nota como um instrumento de controle. Quer dizer o poder de aprovar ou reprovar está em suas mãos.

Sobre isso Luckesi (1999, p.43) diz que “para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos”.

Não sou contra a avaliação com atribuições de notas, mas que esta seja justificada o “por quê” da nota, o que foi avaliado no aluno e, não dar a nota simplesmente por dar. As notas não devem ser transformadas em armas de intimidação ou ameaça.

O professor deve assegurar condições e meios pedagógicos-didáticos para que os alunos sejam estimulados e aprendam sem a necessidade de intimidação.

Ultimamente a escola vem apontando a avaliação como um instrumento para aprovar ou reprovar o aluno. Desta forma, a qualidade do ensino é extinta das salas de aula.

Procuró avaliar meu aluno desde os primeiros dias de aula, pois só assim é possível planejar melhor o meu trabalho, pois cada aluno assimila os conteúdos em ritmos diferentes.

Hoffmann descreve que:

Avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido. (HOFFMANN: 1994 p. 58).

Todavia, procuró gradativamente mudar a minha maneira de dar aulas para poder acompanhar essa diversificação dos meus alunos, pois tenho plena consciência,

hoje, de cada aluno aprende de acordo com as suas potencialidades. Procuo vê-los como um todo para que o ensino e avaliação sejam realmente significativos.

2.4 - Trilhando caminhos para uma docência melhor

Ao concluir o magistério tracei metas para seguir o longo caminho como educadora uma delas seria não reproduzir e transmitir aos meus alunos o que eu havia adquirido, ou seja, não excluir ninguém, valorizar a todos independente do nível intelectual.

Contudo, ao adentrar no âmbito educacional, percebi que não seria fácil trilhar as metas propostas. Assim, aos poucos minha atenção estava voltada para os alunos dedicados, inteligentes e quietos e gradativamente despercebida eu estava excluindo os demais.

Diante desses acontecimentos, comecei a sofrer uma luta interna, pois verdadeiramente eu queria dar atenção a todos os meus alunos, independente do “grau” de inteligência; por outro lado, ao mesmo tempo em que me exigiam que apresentasse os conteúdos do currículo escolar, eu tinha que dar atenção a todas de forma igualitária. Desta forma decidi que iria aprimorar e ser a melhor professora para os meus alunos.

As disciplinas, autores e professores do PROESF me mostraram que é possível apresentar todo currículo aos alunos e encontrar tempo para ajudá-los quando apresentassem dificuldades.

Charlot (1980, p. 25) declara a importância da escola na vida de uma criança.

Um aluno não é apenas uma criança de tal família, não é apenas o membro de um grupo sócio-cultural. Ele é também sujeito, com uma história pessoal e escolar. É um aluno que encontrou na escola tais professores, tais amigos, tais aulas, e que teve surpresas boas e más Avenida Tereza Ana Cecon Breda, 159 – Vila Real. É uma criança cujos pais disseram que o que se aprende na escola é muito importante para a vida ou, ao contrário, que não serve para nada. É uma criança que tem irmãos e irmãs ou não, que são bem-sucedidos na escola ou não, e que podem ajudar a criança ou não, etc...

Kramer (1994, p.31) descreve a importância do professor na vida dos alunos:

O professor é o desafiador da criança: ele cria dificuldade e problemas (...), permitindo a diversificação e ampliação de

novas experiências, valorizando a iniciativa, curiosidade e inventividade da criança, promovendo sua autonomia.

Logo passei a entender que ensinar é um processo basicamente relacional, na qual professores, escola, família e o meio social são responsáveis pelo desenvolvimento, sucesso ou fracasso dos alunos.

Lembrando, que na escola a criança recebe contribuições e influências significativas para a sua formação, pois neste ambiente são veiculadas conceitos, idéias e percepções.

Todavia, o professor não pode se limitar em ser apenas aquele que ensina e prepara provas e aulas. Na verdade, ele se tornou um agente socializador, o qual transmitira valores. Além disso, uma de suas funções, talvez a mais importante é educar crianças para que as mesmas venham ser pessoas humanas, defendendo uma sociedade humanista.

Entretanto, professores transmitem para os seus alunos o que já vivenciou como um ser humano. Levando para a sala de aula histórias de vida e todas as influências de grupos socio-economicos, crenças e mitos familiares. Lembrando que os alunos ao inserirem na escola já trazem consigo bagagens culturais, visto que, neste ambiente acontece o segundo momento de socialização dos indivíduos.

Diante desse contexto, percebe-se que dentro da sala de aula cada um possui um nível de compreensão, e por mais que ouvem e vejam as mesmas palavras nem todos aprendem da mesma forma. Mas como avaliá-los?

Por isso a importância do professor estar atento para este processo de avaliação, pois cada criança possui o seu processo de construção de conhecimento.

Kramer (1994) relata que no processo avaliativo o professor não deve julgar ou comparar seus alunos, mas acompanhar as crianças em todas as atividades propostas em aula.

Sobre isso Kramer (1994, p.86) diz que “o professor precisa verificar se suas propostas estão sendo claramente entendidas por todas as crianças, pois isso ajuda na organização e na realização das atividades.”

Além do mais, é necessário que o aluno perceba que o professor não é apenas um transmissor de conhecimentos, preocupado com as explicações e com o andamento do conteúdo, sobretudo é alguém, na qual ele poderá confiar e compartilhar sentimentos.

Nesse processo de interação humana, de intercâmbio, o conhecimento estruturado do professor, sua forma de expressão mais formal, seus valores e concepções se misturam aos saberes não sistematizados e empíricos dos alunos, aos seus valores e linguagens próprios de seu ambiente cultural.

Esse encontro, observado numa perspectiva dialógica pode assumir um valor significativo no processo de aprendizagem, propiciando a participação ativa e a mobilização para aquisição do conhecimento.

Como afirma Freire (1996, p.159- 160)

Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade(...)

Confesso que tenho procurado refletir e me auto-avaliar, em relação ao cotidiano escolar e a minha prática docente. Percebo a necessidade de estabelecer novas estratégias para enfrentar os desafios que vão aparecendo diariamente na sala, no pátio, enfim em todo ambiente escolar. .

Sou professora da Rede Municipal de Hortolândia desde fevereiro de 2000 e no último ano tive o privilégio de lecionar para turmas de quarta séries. Assim, propus realizar um trabalho diferenciado, modificando a minha didática, pois muitos alunos tinham dificuldades em aprender e compreender o que era passado em aula.

Desse modo, passei a traçar metas para que essas crianças resgassem a auto-estima, ampliando seus saberes para que assim obtivessem novas habilidades e competências.

Como se pode ver, muitos professores tem em mãos um papel importante para que alunos construam uma aprendizagem significativa. De fato, durante o processo de construção devem-se valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, fazendo com que ocorra uma ponte entre os sujeitos e o objeto de conhecimento.

Transpondo para minha prática docente, tenho valorizado em minhas aulas as experiências e conhecimentos já adquiridos pelos meus alunos, dando-lhes

oportunidades de se expressarem e relatarem para seus colegas suas experiências, idéias, dúvidas e questionamentos.

Lembrando que o professor:

[...] deve partir do aluno, conhecer e socializar suas experiências de vida para adequar os novos conhecimentos que serão ensinados aos seus interesses e ao seu nível de compreensão, garantindo desta forma que ele avance, cresça, comparado ao nível que entrou na escola (FARIA 2005, p.90)

Acredito ser extremamente importante oferecer este espaço nas aulas, para que ocorram trocas. Entretanto, é fundamental que professores também se interajam, pois a prática pedagógica deve ser analisada de maneira crítica em que erros e acertos venham ser reconhecidos para que de fato possa surtir reflexões, conseqüentemente bons resultados.

Em todos esses anos como pedagoga, tenho procurado tirar proveito de todos os cursos que são oferecidos na Rede de Ensino, a qual trabalho. Além disso, as reuniões de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico coletivo) vêm me auxiliando para novas propostas de planejamento.

3- AFETIVIDADE E O BRINCAR

A afetividade assume um papel fundamental na relação professor-aluno, atuando como um facilitador, um canal aberto para que o aluno adquira novas habilidades. Quero apontar neste capítulo algumas questões teóricas sobre afetividade, perpassando alguns autores que tratam da temática.

Para entendermos melhor a necessidade da afetividade no âmbito escolar, utilizamos as palavras de Freire e Scaglia (2003, p.35) “A única coisa que, de modo geral, interessa ao sistema escolar e o desenvolvimento das funções intelectuais, o que é muito para uma sociedade que, além de raciocínios lógicos, deveria se alimentar de solidariedade, de cooperação, de amor”.

Todavia, é fundamental que professores transmitam em suas aulas não só conteúdos, mas sim afeto, carinho e atenção. Damásio (2001) aponta a importância da afetividade como base do processo de desenvolvimento humano. Tal importância se dá ao fato de que na escola o desafio do professor não está somente em ensinar as habilidades de leitura e escrita, todavia o trabalho docente está direcionada ao processo afetivo.

Lembrando que nos seres humanos temos a necessidade de nos relacionarmos e todas as relações são mediadas por agentes sócio-culturais, tais como: família, escola, amigos, todavia na escola a mediação do professor não restringe somente no cognitivo, mas sim na afetividade.

Tassoni (2000) relata a mediação do professor em sala de aula e durante as atividades poderá através da afetividade contribuir durante o processo de ensino aprendizagem.

Neste sentido, acredito que o respeito e a valorização do outro, fará com que os alunos sintam-se seguros, fazendo com que a relação aluno-professor seja desenvolvida com afeto.

Hoje, como tenho outra visão, procuro constantemente vigiar minhas atitudes de maneira positiva, a fim de passar uma carga afetiva para o meu aluno e que em harmonia o aspecto cognitivo, resulte em aprendizagem.

Procuro estar sempre criando vínculo com os meus alunos e estar atenta para suas manifestações, pois sei quanto isso interfere ao desempenho escolar.

Estar sempre atenta para algum assunto abordado por algum aluno, levar em consideração e associar ao conteúdo escolar trabalhando com todos na sala de aula, desta forma todos aprenderemos.

As reflexões da afetividade na vida escolar de nosso aluno está diretamente implicada nas suas dificuldades de aprendizagem, mesmo que outras questões estejam envolvidas. A criança constrói o seu conhecimento vivendo o aqui e o agora, estabelecendo uma ligação entre conhecer e viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial procurou analisar como a afetividade, brinquedos e brincadeiras podem auxiliar no desenvolvimento da criança em todos os aspectos, para que ela tenha um desenvolvimento significativo de sua aprendizagem.

Além do mais, pude descrever um pouco da minha vida, desde a infância até os dias de hoje como aluna do PROEF. Ao escrever este trabalho lembrei a infância simples que tive das brincadeiras que fazia com meus irmãos e até mesmo do sonho em ser uma pedagoga; sonho que em poucos meses ira se realizar.

O PROESF teve contribuições significativas, primeiramente adquiri novos conceitos e métodos educacionais, pois antes confesso que era uma simples professora e agora passarei a ser uma educadora fascinante.

Em relação ao brincar, algumas disciplinas do PROESF me auxiliou a compreender melhor esse fenômeno que além de uma simples necessidade infantil, pode ser um grande instrumento pedagógico.

Compreendo que através das brincadeiras crianças são educadas, adquirem valores de cidadania e aprendem de uma simples e prazerosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A. *O direito da criança à educação infantil*. Pró-posições. Revista da faculdade da Educação/ Unicamp: volume 14, n 3 (4)- Jan/abril, 2004.

DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FARIA A. L. G. *Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica*. Educação & Sociedade, Campinas, v.26 n. 92, 2005.

FERREIRO, E. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, E. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed. 1999

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, J. B. e SCAGLIA, A. J. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2003.

KISHIMOTO, T. M. *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 5. Ed. Porto Alegre, RS: Educação e Realidade, 1994

KRAMER, S. (org.) *Com a pré-escola nas mãos*. Uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1994.

LEITE, S.A. da S. e TASSONI, E.C.M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a Mediação. In: AZZI, R. e Sadalla, A.M.F. *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LUCKESI, C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.

PERISSE, G. *A arte de ensinar*. São Paulo: Ecograf. 2004

MONTAGU, A. *Tocar: o significado humano da pele*. Rio de Janeiro: Summus, 1988

SAYÃO, D, T *Cuidado na Educação Infantil – Uma Análise de Gênero*. Pátio Educação Infantil. Porto Alegre. Ano I, n 1, Abr/Jul, 2003.

TASSONI, E. C. M. (2000) *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP

WAJSKOP, G. *Brincar na pré-escola*. São Paulo: Cortez, 2005